

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

CLEONICE DA COSTA GODINHO

**UM ESTUDO SOBRE A IMAGEM FEMININA NO BRASIL DA DÉCADA DE 60 A
PARTIR DO TEXTO FOI SONHO, DE MÁRIO DE ANDRADE.**

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura no curso de Letras – Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Jardim. Sob a orientação da Prof^ª. Esp. Rosemere Almeida Agüero.

Jardim MS

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

GODINHO, Cleonice da Costa.

Um Estudo sobre a identidade feminina no Brasil da década de 60 a partir do texto FOI SONHO, DE MÁRIO DE ANDRADE.

Jardim, MS: Ed. Autora, 2006.

1. Análise do Discurso; 2. Ideologia; 3. Mulher.

CLEONICE DA COSTA GODINHO

**Um Estudo sobre a imagem feminina no Brasil da década de 60 a partir do texto Foi
Sonho, de Mário de Andrade.**

Aprovada em: __/__/_____

Orientadora: Rosemere Almeida Agüero

Examinador:.....

Examinador:.....

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me ajudado a chegar até aqui;
Ao meu esposo Ronaldo pelo apoio e incentivo;
Aos meus filhos pela compreensão na minha ausência;
Aos meus pais por terem me ensinado a ser como sou.

A língua não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso, é lugar de conflitos. Esses conflitos se “concretizam” nos discursos. Neles, as realizações lingüísticas trazem inscritas as diferenças de interesses, as propostas de direções diversas para o mesmo processo histórico. (BACCEGA, 1995, p. 48)

RESUMO

Propõe-se, neste trabalho, refletir sobre questões teóricas à luz da Análise do Discurso (AD), acerca dos discursos estereotipados em relação à mulher, que emergem do texto *Foi sonho* de Mário de Andrade e que são um reflexo da sociedade da década de 60, no Brasil.

A metodologia utilizada, neste trabalho, foi o emprego do método lingüístico e histórico que busca descrever as sistematicidades lingüísticas e as regularidades discursivas no corpus selecionado, estabelecendo as relações entre a língua, a história, o sujeito e o dizer. Dessa forma, a análise procurou identificar como foram construídos os sentidos, no que dizia respeito à temática estudada.

Pois se sabe que a formação discursiva é que dá sentido e identidade ao sujeito, determinando a subjetividade de cada indivíduo.

Assim, dando maior contorno às exigências da metodologia de trabalho, em relação aos contatos entre realidade e representações, pode-se dizer que o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de certa representação. Por isso há, na gênese de todo discurso, o sujeito que se constitui como autor ao constituir o texto.

Este trabalho destina-se à constituição de um espaço para a reflexão de natureza teórica em torno dessas questões.

Palavras-Chave:

1. Análise do Discurso; 2. Ideologia; 3. Mulher.

ABSTRACT

This work proposes reflect about theoretical questions that includes concepts from Discourse Analysis (DA) about the stereotyped discourses in relation to the woman, which emerges to the text *Foi Sonho* by Mário de Andrade and they are a reflection of the society from the decade 60, in Brazil.

The methodology utilized, in this work, was the application of the linguistic and historic method which seeks to describe the linguistics systematizations and the discursive regularities in this selected *corpus*, establishing the relations between the language, the history, the subject and the say. Hence, the analysis looked for identify how the senses were built inside the studied thematic.

Whereas we know that is the discursive formation which makes sense and identity to the subject, determining the subjectivity of each individual.

Therefore, highlighting the exigencies of the methodology of the work, in relation to the contacts between reality and representations, we can say that the discourse does not have as a function constitute the faithful representation of a reality, but assure the permanency of certain representation. Consequently there is, in the genesis of all discourse, the subject constitutes himself as an author when he constitutes the text.

This work applies to the constitution of a space to the reflection of theoretical nature about these questions.

KEY-WORDS:

Discourse analysis; ideology; woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 MAPEANDO OS CAMINHOS DO ESTUDO	11
1.1 TEMA	11
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	11
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.4 OBJETIVO DA PESQUISA.....	11
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.6 JUSTIFICATIVA.....	12
2 REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA	13
2.1 UMA OPÇÃO PELA ANÁLISE DO DISCURSO DA ESCOLA FRANCESA: PRINCIPAIS CONCEITOS.....	13
2.2 HISTORIOGRAFIA DA MULHER.....	19
2.3 O DISCURSO FEMINISTA NO SÉCULO XX.....	25
2.4 UMA QUESTÃO DE GÊNERO: O GÊNERO FEMININO.....	28
2.5 A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	30
3 ANÁLISE DO TEXTO <i>FOI SONHO</i>, DE MÁRIO DE ANDRADE	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	43

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se expressa no título: A evidência do discurso masculino em relação à mulher na década de 60 a partir do texto Foi Sonho de Mário de Andrade.

Este estudo mostrará ao interlocutor a visão que os homens do século XX, especificamente no Brasil da década de 60, tinham de suas mulheres, não apenas, no que diz respeito às tarefas diárias atribuídas a essa mulher, mas também de toda a ideologia que cercava a sociedade, perpassada nos discursos expressos na época.

Não há como deixar de salientar uma questão muito importante, no que diz respeito à identidade do sujeito feminino no século XX. Qual a imagem feminina que se expressa por meio dos textos da época? Eis a questão a que nos propusemos responder ao longo desse trabalho.

Assim, a finalidade deste trabalho é levar ao conhecimento do interlocutor a posição social e ideológica que a sociedade tinha da mulher na década de 60, com base na teoria e nos métodos adotados pela escola francesa da Análise do Discurso (AD), e a partir do texto Foi Sonho, de Mário de Andrade, e realizar uma análise sobre a posição do sujeito-feminino no Brasil da década de 60, procurando identificar qual a imagem assumida por esse sujeito naquela sociedade.

Sendo assim, é de suma importância a realização deste estudo para que se pudesse transmitir ao leitor, como era a condição feminina e como este sujeito da pesquisa era retratado por meio dos textos do século XX.

Segundo Orlandi, (2001), uma análise se faz por etapas, então, a metodologia utilizada, neste trabalho, foi o emprego do método lingüístico e histórico que busca descrever as sistematicidades lingüísticas e as regularidades discursivas no corpus selecionado, estabelecendo as relações entre a língua, a história, o sujeito e o dizer. Dessa forma, a análise procurou identificar como foram construídos os sentidos, no que dizia respeito à temática estudada.

Metodologicamente, em um primeiro momento foi feita a leitura do material teórico para que fosse possível a compreensão do tema proposto.

Na segunda etapa foi feita uma análise restrita ao foco do corpus selecionado para que pudéssemos relacionar às formações discursivas existentes e à formação ideológica a que chegamos.

Uma vez que um texto constitui discursos complementares, por meio da atualização de uma memória comum e da formulação em mesmas formações discursivas, procuramos buscar nele o sentido único observando o emprego de mesmas designações e formações imaginárias comuns que designavam o sujeito do discurso, que neste caso é a mulher.

A análise do texto *Foi Sonho* de Mário de Andrade, tem como aporte teórico o pensamento de Michel Foucault, Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau, Eni P. Orlandi, assim como outros de igual relevância teórica.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata do caminho percorrido para se fazer o estudo, neste é abordado o tema, a delimitação do tema, o problema da pesquisa, os objetivos da pesquisa e a justificativa pela escolha do tema a ser estudado. No segundo capítulo é feita a revisão bibliográfica iniciando por explicitar a opção teórica pela Análise do Discurso da escola francesa e os conceitos na qual se fundamenta, também procuramos fazer um percurso histórico da luta das mulheres, passando pelo discurso feminista do século XX e sua evolução, no sentido de demonstrar a sua historiografia, estabelecendo uma genealogia dos discursos acerca do feminismo, sobretudo como ele se organizou ao longo da formação histórico-cultural. Neste capítulo tratamos, ainda, do gênero feminino e da mulher na sociedade brasileira.

No terceiro capítulo é feita a análise do texto *Foi Sonho*, de Mário de Andrade, salientando a visão que o homem do século XX tinha em relação às mulheres, a partir da materialidade presente no discurso do texto. Durante o trabalho procuramos falar a partir do lugar da teoria dos discursos.

1 MAPEANDO OS CAMINHOS

1.1 TEMA

O discurso masculino em relação à mulher

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O discurso masculino em relação à mulher na década de 60 a partir do texto Foi sonho de Mário de Andrade.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a imagem feminina que se expressa por meio dos textos da época?

1.4 OBJETIVO DA PESQUISA

A finalidade deste trabalho é levar ao conhecimento do interlocutor a posição social e ideológica que a sociedade tinha da mulher na década de 60, com base na teoria e nos métodos adotados pela escola francesa da Análise do Discurso (AD), e a partir do texto Foi Sonho, de Mário de Andrade.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Realizar uma análise sobre a posição do sujeito-feminino no Brasil da década de 60;
2. Identificar qual a imagem assumida por esse sujeito naquela sociedade;
3. Retratar a condição feminina por meio do texto do século XX, de Mário de Andrade, sendo assim é de suma importância a realização deste estudo para

que se possa transmitir ao leitor a maneira como eram vistas as mulheres desta época.

1.6 JUSTIFICATIVA

As questões sociais que atingem especificamente as mulheres acompanharam boa parte da história do movimento feminista no Brasil.

A luta no início do século XX já lidava com o dilema sobre a relevância da questão feminista frente às lutas de classe.

Por meio da análise do discurso social, das formações discursivas e ideológicas presentes no texto *Foi sonho* de Mário de Andrade, buscou-se mostrar os mecanismos de controle de uma sociedade patriarcal, construídos a partir do discurso masculino.

Este estudo é adequado para demonstrar o árduo caminho que a mulher tem percorrido a fim de conquistar o seu espaço na sociedade, assim como os mecanismos de repressão social e controle, aparentemente imperceptíveis, mas que subjagam o sujeito da mesma forma.

Assim, o conteúdo apresentado neste trabalho mostrará ao interlocutor a visão que os homens do século XX, especificamente no Brasil da década de 60, tinham de suas mulheres, não apenas, no que diz respeito às tarefas diárias atribuídas a essa mulher, mas também de toda a ideologia que cercava a sociedade, perpassada nos discursos expressos na época.

Convém lembrar que será também um estímulo aos leitores à continuidade, uma vez que um trabalho não se esgota em apenas uma análise, mas dá abertura para novas possibilidades de pesquisa com relação ao tema.

2 REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

2.1 UMA OPÇÃO PELA ANÁLISE DO DISCURSO DA ESCOLA FRANCESA: PRINCIPAIS CONCEITOS

A Linguagem tem princípios que a torna fundamental para todo e qualquer ser. Desde os primórdios, o homem tinha a necessidade de estabelecer relações, de exprimir sentimentos, sensações e estes atos eram feitos por meio da linguagem, como são feitos até hoje.

Ela é significativa quando comunica, quando há um processo de compreensão. Sabe-se que o meio social e cultural são fatores que influenciam na linguagem e, se o homem tem a necessidade de se comunicar, ele é o maior criador de recursos que auxiliam na produção da linguagem e seu maior recurso para a comunicação é a palavra.

Pois linguagem é:

a ação transformadora, trabalho (ainda que simbólico), produção social, interação, na medida em que se define na relação necessária entre indivíduo e a exterioridade. A linguagem é um dos elementos constitutivos do processo discursivo o qual se dá sob determinadas condições histórico-sociais e ideológicas.¹

Desta forma, tem-se a certeza de que sem a linguagem não haveria meios de estabelecer relações, pactos. A história talvez não existisse, assim como não existiria o próprio processo de comunicação.

Se se tem um conjunto de idéias formado por palavras, pode-se ter um discurso que é uma manifestação textual das formações ideológicas/formações discursivas, não é apenas uma cadeia de enunciados, frases ou palavras que se justapõem. Por formações ideológicas entende-se:

¹ <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>.

Conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras.²

Então, por formação ideológica pode-se entender que é o posicionamento que o indivíduo tem em relação a determinado assunto, orientado pelas ações sociais e, principalmente, políticas da sociedade em que está inserido.

Quanto às formações discursivas, pode-se dizer que são uma “manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica”. (Ibidem)

Conseqüentemente, as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito, de acordo com a formação ideológica estabelecida. Pois aquelas representam no discurso as formações ideológicas.

O discurso tem que supor o conjunto das relações sociais que o constituem e que estão inscritas na palavra, matéria-prima de que ele se utiliza.

Para que ele tenha um fundamento é preciso haver condições mínimas de entendimento. Se não houver, o ato de comunicação não se efetivará e o discurso se desqualifica.

A A. D. é uma importante ferramenta para as diversas relações que se deseja estabelecer em textos diversificados. Com ela e por meio dela, tem-se subsídios suficientes para se elaborar um trabalho coerente e consistente.

O papel da análise discursiva não é tratar da língua, nem da gramática, ela trata do discurso. O discurso é a palavra em movimento, é a prática da linguagem.

O pensamento manipulador está entre as características da vida cotidiana, o útil é o verdadeiro em razão do critério de eficácia. A vida cotidiana não é o lugar da alienação, embora as diversas formas de dominação e controle procurem transformá-la no lugar privilegiado de alienação, no espaço ideal para que ela se instale.

O discurso tem desde há muito tempo, sido objeto de reflexões no âmbito da filosofia, da lingüística, bem como da própria análise do discurso. Deve-se, aqui, ter uma compreensão de que os discursos se organizam e se desorganizam, mas

² <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>.

sempre buscando nova organização e coerência interna para justificar certezas constituídas historicamente. Portanto, quem diz sempre, o faz a partir de um lugar e uma intenção.

Neste sentido, é importante que se tenha em vista a historicidade do discurso, a sua acomodação às diversas situações para se estabelecer como ato impositivo, ato de verdade e, como não dizer também, de força.

Daí a luta pela sua posse, pois, quem se apodera do discurso se apodera do poder e instaura relações entre quem profere e quem ouve - o Poder da Palavra e a Palavra do Poder, quem tem a palavra, tem poder.

Esta parte do trabalho tenta percorrer as trilhas das análises elaboradas por Michel Foucault, Michel Pêcheux e outros autores.

Pêcheux é quem,

dá início à Análise do Discurso na França, em fins dos anos 60, como seu principal articulador. Não é à toa, que a época de fundação da Análise do Discurso coincide com o auge do estruturalismo na Europa, sobretudo na França, figurando como verdadeiro paradigma de formatação do mundo, das idéias e das coisas para toda uma geração de intelectuais.³

Dessa forma, o preço que os defensores do paradigma estrutural tiveram que pagar foi a constante e deliberada exclusão do sujeito, visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico. Sendo que, somente com o movimento de maio de 68, na França, e as novas interrogações que surgiram no âmbito das ciências humanas é que subverteram o modelo então reinante, trazendo o sujeito para o centro do novo cenário, permitindo-lhe reaparecer.

E é assim que a Análise do Discurso nasce, na perspectiva de uma ação transformadora que visa combater o excessivo formalismo lingüístico vigente, então considerado como uma nova facção de tipo burguês.

Mas é somente no ano de 1969, com a publicação de Pêcheux "Análise Automática do Discurso", além do lançamento da revista "Langages", organizada por Jean Dubois, que se delimita o marco inaugural da AD trazendo o sujeito novamente para análise como objeto científico.

A Análise do Discurso Francesa, já se viu e convém ressaltar, caracterizou-se, desde seu início, por um viés de ruptura com toda uma conjuntura política e epistemológica, e por uma necessidade de articulação com outras

³ <http://spider.ufrgs.br/discurso/projetos.html>.

áreas das ciências humanas, especialmente, a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise. (Ibidem)

Outro teórico que também dá sua contribuição para a Análise do Discurso, bem como os outros teóricos, é Foucault. Todos os teóricos fazem reflexões de como emergem determinados discursos em determinadas épocas, como se desfazem e se transformam em outras estruturas aparentemente sólidas, se desfazem novamente e assim, sucessivamente ao longo das transformações históricas.

Essas transformações se constituem em um acontecimento discursivo, um acontecimento tão venerável quanto uma tempestade. Um acontecimento discursivo: qualquer coisa que se solta do “murmúrio anônimo” (FOUCAULT, 1998). Dar conta desse acontecimento e descrevê-lo — descrição que constitui um polimento, uma invenção - eis a tarefa da análise do discurso.

O discurso está sempre determinado pelo tempo e pelo espaço, que definem - numa dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística - as condições de exercício da função enunciativa.

Sabe-se que há o diálogo entre os vários textos, que se chama intertextualidade, que acaba por resultar em uma inter-ação entre os sujeitos. Essa inter-ação ou interação não será, de maneira nenhuma, uma pacificação e um exercício livre das competências dos sujeitos.

Ela será, em vez disso, uma luta pela palavra e com a palavra. A palavra é alvo dos exercícios de poderes que a controlam: os poderes não incidem apenas os corpos, mas também sobre as palavras.

Ninguém diz nada sem ter ouvido dizer — e sem estar neste ou naquele lugar, e sem ser, ele próprio, qualquer coisa diferente dele próprio, muitas coisas diferentes até. Por conseguinte, o discurso é um relacionamento complexo e esse relacionamento define as próprias regras de exercício ou de existência da enunciação e dos enunciados.

A análise enunciativa ou discursiva de Foucault não se vai exercer na forma de uma interpretação, de uma análise do sentido: ela visa descrever aquilo que é efetivamente dito, mas do ponto de vista da sua existência.

A análise enunciativa mantém-se fora de qualquer interpretação. Às coisas dita, ela não pergunta aquilo que escondem o que nelas e apesar delas estava dito o não-dito que recobrem os pensamentos e as imagens que as habitam.

Mas pelo contrário, pergunta segundo que modo é que elas existem, o que é isso de se terem manifestado, de terem deixado marcas e, talvez, de terem ficado ali, para uma eventual reutilização; e por que elas que apareceram e não outras no seu lugar.'

E são justamente estas as perguntas que permanecem mesmo que se possa dizer disso o que quer dizer daquilo - na verdade, sabemos que de uma maneira ou de outra, as coisas ditas dizem muito mais do que elas próprias.

Supõe-se que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por pessoas que querem o poder.

A palavra é alvo do exercício de poderes que a controlam; os poderes não recaem apenas sobre os corpos, mas também sobre as palavras. E isso acontece pela suspeita de que há na atividade discursiva poderes e perigos capazes de transformar a realidade.

E, também, porque o discurso é objeto do desejo, haja vista que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder.

Seguindo, ainda, o pensamento de Foucault (1998) o controle discursivo, para além de ser uma luta simultaneamente pelo poder e contra o poder da palavra, visa também lhe refrear o acontecimento aleatório.

Diante de qualquer discurso proferido, de qualquer coisa escrita, procura-se de imediato localizá-la, amarrá-la, e isto por intermédio de mecanismos que ligam aquilo que é dito a um sentido daquilo que não é dito, mas, que esclarece, explica a alguém, ou a uma disciplina teórica.

Reportando – se a Foucault (1998), a instância do discurso é apresentada enquanto resultado de diversos sistemas de controle da palavra, resultado das mais diversas práticas restritivas da palavra, que podem ser aquelas que limitam o que pode ser dito.

Por tudo isto, a análise do discurso procura, em suma, encontrar as regras anônimas que definem as condições de existência dos acontecimentos discursivos: as regularidades dessa dispersão de acontecimentos.

Nada é novo debaixo do sol, tudo se renova tudo se transforma. Até mesmo os discursos são modificações de um discurso já existente. Por isso, é

possível reconhecer em um texto a presença de outro – no caso o chamado intertexto.

Essa inter-relação, esse diálogo entre os textos possibilita um melhor entendimento sobre o que se está lendo. Daí, para se fazer uma ligação com o discurso, pode-se dizer que esses mecanismos são essenciais para que o interlocutor compreenda o que se está querendo dizer com determinado discurso.

Segundo Maingueneau: O caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de inter-incompreensão regulamentada . (MAINGUENEAU 2005-a, p.11 e 12).

A interdiscursividade se faz pela ligação entre os discursos, o que possibilita um melhor entendimento do que se ouve ou lê.

Como não existe discurso sem sujeito, impossível haver também discurso sem ideologia. Ora, essa imposição da linguagem sobre a idealizada ação de sujeitos, fadados a lembranças e a esquecimentos, não denigre a capacidade observadora e de análise, mostrando, no entanto, uma relatividade possível em nossas percepções.

Foucault comenta as estruturas lingüísticas, dentre estas, as de função sujeito:

Eu gostaria de ter percebido em mim mesmo que no momento em que falo uma voz sem nome me precedia desde muito tempo: a mim me bastaria me colocar em cadeia, seguindo a frase, de aí me instalar, sem que eu tivesse lugar fixo, em seus interstícios, como se ela me fizesse sinal, se colocando, por um instante, em suspenso (1998, p.7).

Caso se optasse por outros métodos, que não a Análise do Discurso, certamente poder-se-ia pretender e ousar uma intimidade maior com a verdade dos fatos.

Importante lembrar que se está preso às "formações discursivas", e, se isso é uma virtude, também é uma limitação.

Veja o que diz Orlandi a respeito dessas formações:

É a noção que permite ultrapassar as posições estritas do estruturalismo e guardar no entanto a perspectiva não conteudística, seja relativa ao sentido, seja ao sujeito, seja à história. As formações discursivas, ao mesmo tempo

em que determinam uma posição, não a preenchem de sentido. (1988, p.10-11) .

Para Orlandi, a formação discursiva é que dá sentido e identidade ao sujeito, determinando a subjetividade de cada indivíduo.

Assim, dando maior contorno às exigências da metodologia de trabalho, em relação aos contatos entre realidade e representações, pode-se dizer que o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de certa representação. Por isso há, na gênese de todo discurso, o sujeito que se constitui como autor ao constituir o texto. (ORLANDI, 1998).

O discurso é tanto um lugar privilegiado de observação das relações entre língua e ideologia, como é também um lugar de mediação, de imbricação dentro do dispositivo teórico-analítico, permitindo que se visualizem em seu funcionamento os mecanismos de produção de sentidos desse material simbólico.

Ele é também, de certa maneira, uma metáfora viva, pulsante, que requer, a cada construção, um transporte de um campo a outro. A noção de discurso que interessa investigar nesses projetos apresenta-se como um objeto teórico, sem compromisso com qualquer evidência empírica.

Optou-se pela análise do discurso, neste trabalho, para que se pudesse analisar com maior propriedade o conto Foi Sonho de Mário de Andrade. Para tanto, torna-se necessário discorrer um pouco sobre as mulheres, principalmente, inseridas no contexto social machista, que também pode ser verificado no referido texto.

2.2 HISTORIOGRAFIA DA MULHER

A historiografia da mulher tem-se desenvolvido muito nos últimos tempos, dando lugar a pesquisas de inúmeros temas relacionados ao sexo feminino.

De acordo com Soihet (1997 p. 277) “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo não só acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história”.

Neste contexto, com os estudos sobre as mulheres os pressupostos anteriores foram derrubados para que em seu lugar surgissem novos (pré)

conceitos. Ou seja, a mulher que antes era subordinada apenas a afazeres domésticos hoje tem o seu lugar mais acentuado no mercado de trabalho assim como nos meios políticos, econômicos. A mulher não é mais, apenas, aquela das tarefas domésticas, como também assume o papel político.

Com todos os caminhos percorridos e avanços atingidos, a mulher cada vez mais busca uma identidade social equiparada a do homem, uma participação mais acentuada e adequada na sociedade, que ainda em alguns setores se mantém até de certa forma, presa aos dogmas e preconceitos machistas de que ao homem pertence os melhores cargos e funções. No entanto, independente das dificuldades e preconceitos encontrados, a mulher continua a lutar pelo seu espaço.

A mulher tem também conseguido um grande avanço dentro da estrutura econômica. As mulheres sentem cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem.

Assim, as mulheres vêm mostrando o avanço que desejam e que aos poucos estão conseguindo, dentro de uma luta de participação e conscientização, ao considerar que as dificuldades que elas enfrentam são grandes, ao levar em conta os preconceitos formais de uma sociedade machista.

Em relação à predominância de imagens nas quais se atribuíam às mulheres os papéis de vítima ou de rebelde, no passado, Nash afirma:

[...] o debate em torno da opressão da mulher e seu papel na história teria se inaugurado na década de 1940, por iniciativa da historiadora norte-americana Mary Beard, que na sua obra *Woman as force in history*, aborda a questão da marginalização da mulher nos estudos históricos. (NASH apud SOIHET, 1997, p.278).

De acordo com a norte-americana Beard apud Soihet (1997), as mulheres eram pouco referenciadas, pelo fato de que a grande maioria dos historiadores eram homens e as ignoravam deixando-as marginalizadas nos estudos históricos. J.M. Hexter apud Soihet (1997, p. 278) dizia que as mulheres eram deixadas de lado porque não participaram dos grandes momentos históricos, políticos e sociais.

Outra condescendente a Hexter era Beauvoir apud Soihet (1997, p. 278) que afirmava que “a mulher vivia em função do outro e por isso não tinha vida própria, sujeitando-se sempre ao homem”.

Segundo Soihet (1997, p.278), “não se pode deixar de destacar a atenção que foi dada a essa vitimização e a essa rebeldia feminina para que se pudesse, a

partir daí ter uma concepção mais ampla do poder. Poder este muito disputado entre os homens e mulheres.

Toda a discussão a respeito dos direitos e deveres femininos fundamenta-se na idéia de que se os homens não dominassem suas mulheres, os seus reinados sucumbiriam.

No tocante à multiplicidade de temas a respeito da vida das mulheres, pode-se dizer que no decorrer da história foi aberta a possibilidade de discutir isso de maneira mais aprofundada. Como bem diz Soihet:

Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também introduzem-se novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros. (1997, p.280)

A partir de então, surgem novas maneiras de se apresentar a história das mulheres e, portanto, dois caminhos a serem seguidos. Um que aborda os movimentos feministas e o outro que trata das manifestações informais que são representadas pelas atuações femininas.

Esta primeira vertente apresenta modelos femininos diferentes do tradicional. Não se tem a mulher sem iniciativa, passiva e fútil, e sim a mulher conseguindo competir em condição de igualdade com o homem. Pois, é “a capacidade feminina, idêntica à masculina, de fazer história, de construir a civilização.” (SOIHET, 1997, p.281).

Quanto ao movimento feminista pode-se dizer que houve várias reivindicações em torno da igualdade de direitos, destacando aqui o direito ao voto. As mulheres também lutaram muito pelos direitos sociais no que diz respeito à maternidade.

O segundo caminho, que é da atuação informal das mulheres retrata a história sócio-cultural que conta o seu dia-a-dia desmistificando a imagem da mulher dócil e submissa e evidenciando-lhe a sua inquestionável resistência frente às intempéries da vida.

Abordando, neste momento, a questão da relação da mulher com o trabalho, pode-se dizer que:

Os efeitos da industrialização e da modernização, no que tange ao trabalho das mulheres, têm sido amplamente discutidos, assumindo um vulto significativo na historiografia anglo-saxônica. [...] As autoras criticam as posturas evolucionistas que assumem a existência de uma única e similar experiência para todas as mulheres [...] segundo as quais a mudança numa esfera corresponderia, necessariamente, à mudança nas demais. (SOIHET, 1997, p. 285).

Com a industrialização e a modernização as mulheres foram para o mercado de trabalho e essa evasão das mulheres da casa para as fábricas gerou um conflito de interesses, pois os homens, os maridos não queriam perder a mão de obra em casa. Scott e Tilly apud Soihet (1997, p. 285) discordam completamente de Engels e Goode que afirmam:

[...] a inserção feminina na indústria moderna libertaria a mulher trabalhadora da opressão familiar, argumentando que às mulheres excluídas de participação na produção social restaria o papel de servas do lar. Quanto a Goode, contrapõem-se ao seu otimismo – presente nas suas afirmações acerca do status elevado da mulher ocidental nos dias de hoje, devido à sua grande participação no trabalho fora do lar. (ENGELS e GOODE apud SOIHET, 1997, p. 285.)

Sabe-se que no período vitoriano pensava-se que as mulheres não trabalhavam, pois não era considerado trabalho os serviços domésticos e pensava-se, ainda, que trabalho pesado apenas os homens fariam. Existiam esses pensamentos porque, na verdade, as atuações femininas não eram vistas e valorizadas pelos homens.

Enfim, existia, apenas, o poderio masculino e o não reconhecimento das atividades femininas como trabalho, mesmo quando eram assalariadas.

No tocante à relação da mulher com a família e a maternidade, pode-se dizer que:

Debates se estabeleceram sobre as repercussões do processo de industrialização, urbanização e modernização na estrutura familiar. A mudança da família “tradicional”, extensa, típica do período pré-industrial, para a família nuclear seria a resultante desse processo. Nestes núcleos, segundo algumas interpretações, a participação da mulher no processo produtivo resultaria num maior igualitarismo entre o casal. (SOIHET, 1997, p.289).

As mulheres lançam-se ao mercado de trabalho, aumentando, desta maneira, o seu poder de decisão na família. Só que mesmo assim várias mulheres

acabaram por deixar de trabalhar nas fábricas para ficarem em suas “costumeiras tarefas femininas”.

Quanto ao direito da mulher de ter liberdade em sua reprodução, pode-se dizer que muitos impedimentos eram impostos a elas. Médicos, moralistas, todos acreditavam que a mulher só poderia mesmo servir para reprodução da espécie humana.

E já no começo dos anos 80, há a presença na Europa da prática do infanticídio e também do aborto, porque as mães queriam se livrar de seus filhos indesejados, como forma de eliminação de seus “pecados”.

De acordo com Soihet (1997), o aborto e o infanticídio aconteciam porque as mães não tinham muitas vezes condição financeira razoável, ou não eram casadas e isso implicaria em muitas situações desagradáveis, pois essas mães seriam taxadas como mulheres da vida, enfim seriam martirizadas pela sociedade moralista da época.

Já para Angus McLaren apud Soihet o aborto era:

[...] cada vez mais praticado pelas mulheres casadas em fins do século XIX, como uma forma de feminismo popular. Era levado a efeito por mulheres que recusavam os horrores do infanticídio mas que também se dispunham a reagir ao peso de nascimentos não desejados. (1997, p.291).

Para a sociedade época, o aborto e o infanticídio eram praticados pelas adúlteras, devassas e, também pelas intelectuais, pois, as outras mulheres que eram “decentes” não se prestariam a esse papel.

Muitas dessas mulheres eram provenientes de cidades do interior e praticavam o aborto por não serem casadas e porque os homens as abandonavam grávidas e sem dinheiro. E como estavam na cidade grande precisavam trabalhar, no entanto, grávidas não encontrariam empregos para se sustentarem e, voltar para a cidade de onde vieram significava uma derrota muito grande.

Mas nem só de trabalho vivem as mulheres, existem outros fatores muito importantes para elas, por exemplo, a sexualidade, o direito de amar, a paixão, o desejo, as emoções, enfim novos temas foram surgindo no universo feminino.

A vontade de se libertar do poder dos homens, para que assim pudesse sentir todas as emoções as quais tinham direito, era grande, por isso as mulheres lutaram e conquistaram um novo espaço.

Na história a mulher é sempre tida como vítima ou como rebelde, ou, ainda, as duas coisas. Ou aceita o que lhe é imposto ou luta veementemente contra tudo e todos. Enfim, a mulher nunca é capaz de criar alguma coisa, simplesmente aceita ou nega.

A colaboração de Foucault para luta feminina foi essencial. Para o teórico:

Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer. (FOUCAULT apud ENGEL, 1997, p.301).

A repressão é vista por um novo olhar, não se pensa mais a sexualidade com temor, na sociedade moderna. A repressão funcionava, segundo Foucault, como uma forma de poder. Eram impostas “regras” à sociedade para que não se pudesse vivenciar as paixões, o desejo, as emoções da vida. Reprimiam toda manifestação de natureza sexual, no que tangia às mulheres.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1987, p. 119)

Em “Vigiar e Punir”, Foucault define os mecanismos de sujeição do corpo como uma tecnologia. Há um saber sobre o corpo e um controle sobre as suas forças, com poder suficiente para tornar o indivíduo incapaz de esboçar qualquer reação. Pode-se perceber essa sujeição na relação entre o homem e a mulher na sociedade do século XX.

Entretanto, as mulheres conquistaram muitas coisas ao longo do tempo. Hoje em dia, além dos direitos civis, adquiriram também, benefícios no aspecto social, econômico, educacional e amoroso.

Para quem não tinha direitos e uma identidade até bem pouco tempo, até que as mulheres conquistaram algum poder. E isso foi fruto de lutas, como se verá a seguir.

2.3.0 DISCURSO FEMINISTA NO SÉCULO XX

Na opinião de Edith Gama e Abreu⁴, o maior exemplo de feminista entre as baianas era a Dra Francisca Prager Fróes, sob o duplo aspecto: moral e intelectual. Esta, por sua vez, mostrou-se preocupada com o mal entendido em torno do vocábulo feminismo num artigo publicado em 1923:

Muito frequente é ouvir-se rumorejar, a proposito das exhibições escandalosas e estardalhaçantes das modas actuaes, da exteriorização impertinente de algumas dançarinas de maxixe ou das manifestações escandalosas das torcedoras estrepitantes de desportos, a seguinte phrase irreverente: Eis o que é o feminismo!⁵

E na tentativa de esclarecer o que era o feminismo, explica que o termo não poderia ser compreendido como uma transformação do estado civil subordinado da mulher por outro ainda pior – como a realidade de algumas dançarinas de maxixe ou torcedoras dos desportos mais escandalosas; e que não era, também, a despreocupação da mulher pelos interesses do lar; tampouco seria fruto de um suposto desequilíbrio educativo presente na sociedade. O feminismo, no seu entender é a busca pela libertação dos preconceitos existentes, e a preocupação em mostrar a competência da mulher em todas as situações, de forma que possam ser emancipadas política e socialmente.

Pode-se identificar sutis diferenças entre o significado que o feminismo tem para ela em relação ao artigo da revista citada. Nota-se, por exemplo, em Fróes, a ausência da associação do conceito com o benefício. Por outro lado, ela fala em dignidade da mulher, erguida a partir da sua luta por mudanças na legislação.

Um fato importante a se lembrar é que a Constituição de 1934 foi a primeira a explicitar a situação jurídica da mulher, proibindo expressamente quaisquer privilégios ou distinções por motivo de sexo. A igualdade jurídica entre o homem e a mulher foi, assim, afirmada como preceito constitucional. A esse

⁴ http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Claudia_Vieira_40.pdf.

⁵ http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Claudia_Vieira_40.pdf.

princípio, devem-se subordinar, sob pena de inconstitucionalidade, todas as leis e demais normas escritas ou costumeiras.

Seguindo a partir de agora, o pensamento de Soihet (1997), o feminismo, então, como movimento social que defende a igualdade entre os direitos e os deveres do homem e da mulher, surge com as muitas revoluções que houveram, como forma de protesto contra as injustiças cometidas contra as mulheres.

Quando as mulheres mostraram a sua capacidade de contribuir para o sustento de suas famílias, não se podia mais tratá-las apenas como objetos de prazer e simples donas-de-casa.

Mas, ainda tinha muita coisa a conquistar, haja vista as difíceis condições de trabalho impostas a elas. Com isso, as mulheres começaram a fazer reivindicações, como por exemplo: o direito de voto, o de escolha de domicílio e o de trabalho, independentemente da autorização do marido.

No século XX, a situação já era outra, pois a Revolução Russa de 1917 concedeu o direito de voto às mulheres e após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo ressurgiu com vigor redobrado.

Agora já não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, e sim de descrever sua condição de oprimida pela cultura masculina, de revelar os mecanismos psicológicos dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral que incluísse também o corpo e os desejos.

Além disso, conta-se entre as reivindicações do movimento feminista moderno, a interrupção voluntária da gravidez, bem como a igualdade nos salários e a conquista dos postos de responsabilidade, que, anteriormente, eram unicamente do universo masculino.

Muitos viram no movimento feminista uma masculinização, como se a mulher pretendesse exibir predicados masculinos, repudiando os femininos.

Por essa razão foram necessárias campanhas em favor de um novo modo de pensar – para que a mulher pudesse ter a nova vida almejada. E por causa de sua maior participação no setor econômico foi necessário que a mulher participasse também das decisões políticas tomadas no controle da economia e do bem estar social.

Corroborando com as causas femininas, no que diz respeito aos direitos da mulher, realizou-se, em São Paulo, em 1922, a Semana de Arte Moderna, com o

objetivo de sacudir a opinião pública e incentivar o progresso no campo cultural em favor de uma mudança de hábitos e de valores sociais.

A Semana serviu para maior projeção de figuras femininas admiráveis na época, e que contavam já com o respeito do público, sem que, no entanto, fosse reivindicado objetivamente pelo movimento um novo status para a mulher.

Lutando contra preconceitos e tentando assumir seu lugar na história, as mulheres fazem de tudo para divulgar suas idéias – vão para as praças, escrevem, discutem, questionam, enfim, mostram a sua força e vontade de mudar a situação de subjugação.

Com esses questionamentos sociais, escritores não perdem tempo e criam personagens femininas marcantes, objetivando atingir o principal público das histórias - no caso o homem - fossem essas histórias jornalísticas ou literárias.

Para Soihet (1997), se por um lado ascender ao papel de protagonistas e ganhar maior visibilidade num veículo de comunicação, como os jornais e os livros literários, é uma vitória das mulheres, por outro, a nova mulher que reivindica igualdade de direitos com os homens, não consegue se identificar com sua representação de papel.

Isso porque as personagens femininas, que passam a habitar as histórias, independentes e liberadas, não são uma criação das mulheres, mas uma visão masculina sobre os modelos reivindicados por mulheres no mundo todo.

Deste modo, essa visão masculina não consegue escapar de uma outra representação que é aquela que eles consideram como feminino.

A mulher encontrada é aquela que a sociedade dirigida pelos homens espera ver representada. Deste modo, impõe-se como uma marionete e extrai a sua força do fato de que esse ser pré-moldado deve obedecer estritamente ao que os homens querem ver como nova mulher.

Com as revoluções, o homem não tinha outro caminho a seguir a não ser concordar com os direitos que as mulheres queriam para si. No entanto, não podiam abrir tantos espaços assim, por isso resolveu fazer parte, também, dessa luta e ter, de certo modo, o controle da situação.

Com o movimento as mulheres conquistaram algumas coisas. No entanto, a mesma imagem que o homem tinha da mulher continuou, ou seja, aquela visão de que a mulher, mesmo trabalhando fora, ainda tinha a obrigação com os serviços domésticos e com os filhos - tendo que aceitar tudo o que o marido impusesse até

mesmo as infidelidades conjugais – permaneceu, mesmo depois do movimento feminista.

Se por um lado houve a batalha contra essa diferença entre os sexos, por outro houve a resistência masculina que impediu, na época, muitos progressos. Toda essa discussão resume-se no tópico seguinte que se refere ao gênero, especificamente o feminino.

2.4 UMA QUESTÃO DE GÊNERO: O GÊNERO FEMININO

A mulher vive em incansáveis lutas pela sua liberdade de expressão de trabalho e principalmente de igualdade social. Para se entender os aspectos relacionados ao gênero feminino faz – se necessário compreender o conceito e os motivos de tal gênero e o motivo pelo qual gerou tudo isso e que perduram de forma até hoje.

Soihet sobre a questão do Gênero diz:

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (1997, p.279).

A luta do feminismo dos anos 60 partiu da meta de igualdade nas diferenças sexuais. Reivindicando a não-hierarquização das especificidades de homens e mulheres, estas almejavam uma igualdade social que reconhecia as diferenças, hoje expressa na noção de “igualdade de gênero”.

Observa-se que o gênero tem um papel fundamental: “O Gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”. (SOIHET, 1997, p. 279).

Esse papel se evidencia na "divisão sexual do trabalho" onde o feminismo questionou, afinal, a identidade masculina. O homem assume seu atributo de provedor, e a mulher o seu papel de doméstica, reprodutiva e de mãe.

Em termos de sexualidade, pode-se dizer que: “[...] a libertação feminina condicionava-se à transformação das quatro estruturas em que se integra a mulher: produção, reprodução, socialização e sexualidade”. (SOIHET, 1997, p.292).

Até então, tanto a produção, socialização, como a sexualidade era estritamente um direito masculino, até mesmo a reprodução. Por exemplo, quanto à sexualidade o homem, desde cedo, usufruía fora do âmbito familiar/reprodutivo, enquanto a mulher era limitada à reprodução de filhos legítimos. O movimento feminista revelou e repudiou essa definição da mulher como reprodutora e confinada à esfera do lar, como uma pessoa vulnerável e subjugada.

Desse modo a mulher passa a reivindicar seu direito à reprodução, porque poder controlar a fecundidade seria uma condição essencial na luta pela igualdade social dos gêneros na sociedade, onde a família foi desvalorizada, enquanto os valores dominantes eram referidos à atuação no mundo público.

Com o controle da reprodução, as mulheres conquistam condições mais igualitárias, livres da ameaça da gravidez não-desejada, para concorrer na vida pública da política e do trabalho remunerado:

[...] a primeira Revolução Industrial, as mulheres lançaram-se com enorme entusiasmo ao mercado de trabalho. E seu acesso aos recursos econômicos modificaria, em seu proveito, a relação de forças no seio da família. (SOIHET, 1997, p.289).

Foram reivindicadas, em primeiro plano, condições de controlar o corpo para evitar a reprodução, recusando a definição hegemônica da identidade feminina e sua redução à maternidade.

Do ponto de vista da igualdade de gênero, as especificidades das mulheres são todas relacionadas com diferenças sexuais que, elaboradas no social, irradiam desde as vivências sexuais e reprodutivas mais íntimas, até a arquitetura de redutos do poder como congressos nacionais onde não há provisão de banheiros femininos, passando por identidades pessoais, símbolos culturais, normas e instituições sociais, leis, etc.

No entanto, igualdade se refere não a toda diferença, mas a diferenças que são consideradas injustas. Foram priorizados, neste movimento, os espaços e valores públicos a serem conquistados, e os direitos de não reproduzir, sob o entendimento de que isso já estava imposto.

Com isso, foi deixada em segundo plano a análise das condições concretas para exercitar a maternidade, altamente diferenciadas entre grupos sociais, apesar da hegemônica homogeneização ideológica das mulheres.

No ano de 1975 - Ano Internacional da Mulher - as redes feministas foram convidadas a ocupar espaço crescente na articulação de definições, declarações e documentos internacionais sobre estes direitos.

A partir do Gênero um marco se firmou na história da luta feminista; pode-se dizer que ele abriu novos caminhos. Então, a história da mulher seria representada sob outra perspectiva, com o auxílio desse Gênero. A voz da mulher seria ouvida. Soihet representa bem essa idéia no excerto abaixo

A maneira como esta nova história iria incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise. Tornam-se explícitas as preocupações de articular o gênero com a classe e a raça. O interesse por estas categorias assinala não apenas o compromisso do historiador com uma história que incluía a fala dos oprimidos, mas também que esses pesquisadores consideram que as desigualdades de poder se organizam, no mínimo, conforme estes três eixos. (1997, p.289).

Através desse novo caminho que o Gênero abriu para as mulheres, uma nova história se inicia para o gênero feminino. Pois, a partir daí esta categoria estaria começando a participar da vida social e política com direitos que até então não lhes pertenciam.

Entretanto, Scott apud Soihet (1997, p.280). argumenta que: “[...] no seu uso descritivo, o gênero é, apenas, um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, mas não tem a força de análise suficiente para interrogar e mudar os paradigmas históricos existentes”.

Enfim, a luta, o dualismo entre os sexos é um outro aspecto que se ressalta dos estudos sobre gênero e para se entender com uma amplitude maior essa luta contra a diferença sexual, passar-se-á a um breve histórico da vida da mulher na sociedade brasileira.

2.5 A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

As freqüentes diferenças que ocorrem entre os homens e as mulheres ao longo da história principalmente na sociedade brasileira se fará aqui um percurso de

alguns obstáculos e evoluções que aconteceram nesse trajeto de luta, assim como serão também pontuados alguns dados das participações da mulher no poder público.

Segundo Soihet, os primeiros estudos a respeito da família brasileira são de Gilberto Freire e se limitam à abordagem dos papéis femininos. Freire diz que:

[...] as mulheres brancas são dadas como submissas, embora fiquem evidenciadas manifestações do seu poder – o que é revelado, por exemplo, nos maus tratos infligidos às escravas suspeitas de atrair a atenção de seus maridos (1997 p. 290).

As mulheres apesar de consideradas seres mais sensíveis e fracos, sempre souberam como conquistar seu espaço na sociedade. Houve muitas lutas para que isso acontecesse, muita guerra de poderes entre os sexos, mas ano após ano os conceitos se transformavam e as mulheres mostravam e mostram até hoje que, apesar de, serem frágeis, conseguem demonstrar sua força quando isto é necessário.

No século XX elas enfrentaram muitos obstáculos criados pela sociedade e com o passar dos anos isso não mudou tanto. No entanto, a força, a vontade de lutar não acaba, pois as mulheres acreditam, realmente, que a suas causas são justas.

Para se ter uma noção de como foi essa evolução da mulher na sociedade brasileira, falar-se-á sobre alguns dados econômicos-sociais que foram pesquisados.

A partir de agora usar-se-á como fonte de dados José Pastore⁶ que salienta que no Brasil, em igualdade de condições, as mulheres ganham, em média, 25% menos do que os homens. Mesmo nas profissões tipicamente femininas, elas estão em desvantagem.

Com exceção dos professores e costureiros, onde a remuneração é a mesma, há diferenças expressivas. As secretárias e as enfermeiras, por exemplo, ganham 11% menos do que os secretários e enfermeiros. Entre os auxiliares de escritório, 21%; e, entre contabilistas, 38%.

A participação das mulheres é maior no setor público, no caso do Brasil, ela passa dos 30%. Em contrapartida, no setor privado, ela é limitadíssima.

⁶ <http://www.josepastore.com.br/artigos/cotidiano/061.htm>

Dados de 1991 indicaram que, no Brasil, as chefias ocupadas por mulheres eram apenas 6%. Nas 300 maiores empresas do país, a proporção não chegava a 4%, e nas 40 maiores estatais era menos de 1%.

Hoje, as estimativas apontam para 10%, 6% e 3% respectivamente. Nota-se ainda um crescimento substancial dessa participação no comércio e no setor financeiro. Nas pequenas firmas do Brasil, já há milhares de empresárias.

As mulheres, como se vê, ao longo do tempo foram conquistando seu espaço no mercado de trabalho, como em outros setores também. Conquistas essas que trouxeram benefícios, como também algumas intempéries.

Mesmo reconhecendo:

[...] os privilégios do marido no modelo patriarcal, pesquisas recentes têm relativizado a sujeição feminina, ao trazer à tona algumas de suas rebeldias e transgressões. Também, não raro, mulheres assumiam o mando da casa, gerindo negócios e propriedades; e entre os segmentos populares, as mulheres desfrutaram de inequívoca liberdade de movimentos. (SOIHET, 1997, p.290-291).

A entrada das mulheres no mercado de trabalho trouxe também outros problemas, pois a maioria dos homens não cozinha, não lava roupa, não passa, não limpa casa e não faz as camas, isso é feito por suas companheiras, ao longo de 30 horas por semana, em média, e se somam a uma jornada de 44 horas, quando trabalham fora de casa.

Além disso, as mulheres-trabalhadoras vivem um ambiente cultural contraditório. No Brasil, ainda predomina a noção de que o trabalho de casa conspira contra a vida familiar. Se a mulher se dá no trabalho, não pode se dar no lar.

E há até hoje esse (pré) conceito, o que evidencia que a cultura machista ainda está arraigada na cabeça de muitas pessoas. Dentre essas pessoas estão também muitas mulheres que têm em seus pensamentos o sistema patriarcal como o melhor, o correto. Ou seja, além dos muitos homens machistas, há mulheres também.

No entanto, por mais que ainda existam essas pessoas que acham que lugar de mulher é apenas em casa cuidando de seus trabalhos domésticos, há muito mais mulheres que lutaram e lutam ainda para que haja, enfim, uma igualdade tanto de direitos quanto de deveres entre os homens e as mulheres.

De acordo com Soihet (1997), se na década de 50 e 60 as mulheres que estudavam, trabalhavam, enfim, lutavam por seus direitos eram mal vistas, atualmente, são aplaudidas por sua coragem, virtude e perseverança. No Brasil como em todos os lugares do mundo, as mulheres honraram suas consciências e nunca deixaram de lutar por algo que achavam que lhes era de direito.

Enfim, as mulheres da sociedade brasileira, desde o século XX até o atual, conseguiram afastar o (pré) conceito, a superioridade machista, o abuso de poder entre outros – de seu caminho, conseguindo, com algumas limitações, os seus direitos.

Apesar desses avanços tanto sociais, quanto econômicos, as mulheres são, muitas vezes, paradoxalmente culpadas por suas próprias conquistas. E, às vezes, pagam um preço alto por aquilo que alcançaram. A igualdade pela qual lutaram tornou-se pretexto para o que poderia ser chamado de um novo tipo de (pré) conceito, modernizado, mas atuante.

Após todas essas reflexões, passa-se agora para a análise do texto “Foi Sonho” de Mário de Andrade, para que se compreenda melhor alguns dos motivos que fomentaram a luta feminista no século XX, pela relativa igualdade entre os sexos.

3 ANÁLISE DO TEXTO FOI SONHO, DE MÁRIO DE ANDRADE.

No decorrer deste capítulo será feita a análise do texto Foi Sonho de Mário de Andrade, disposto em anexo, a qual servirá para relatar a imagem que a sociedade da década de 60 tinha da mulher. Mas antes de iniciar - se a análise propriamente dita, falar-se-á da intenção do discurso para a compreensão do texto.

Sabe-se, que o discurso fornece ao interlocutor:

[...] representações que funcionam como 'chaves' para compreensão de diferentes discursos e textos.[...] as metas gerais do discurso de manipulação são: o controle das representações sociais compartilhadas de grupos de pessoas, pois controlam o que falamos escrevemos e compreendemos.⁷

Como no excerto de Sgarbieri citado, o discurso não é inocente, pelo contrário, há toda uma a intencionalidade ao se representar os diferentes discursos. Ora, o discurso é uma arma potente que o homem tem em suas mãos, por isso não deixa passar a oportunidade de impor seus ideais por meio da palavra, como ocorre no texto, objeto desta análise.

Assim, tomando-se como instrumento de análise o texto Foi Sonho de Mário de Andrade observamos que por meio da construção de uma prática discursiva, o escritor consegue criar uma estratégia que nos leva a identificar uma inter-relação com vários discursos, principalmente o social e o histórico-cultural.

Neste texto evidencia - se o momento histórico e social daquela época, pois se identifica a construção de um perfil feminino mostrado pelo autor de Foi Sonho. Mário de Andrade consegue tematizar a figura feminina usando a voz masculina, mostrando uma formação ideológica que relega a mulher ao nível da submissão quase que absoluta.

Falando a partir do lugar da Análise do Discurso e assumindo a ótica do pensamento masculino, consegue revelar os desejos e a posição da condição feminina, a partir da imposição masculina, conseguindo moldar as personagens a um discurso masculinizado, fazendo com que o universo feminino seja restrito à idéias patriarcais.

⁷ http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Astrid_Nilsson_Sgarbieri_02.pdf

Ao se analisar de forma superficial esse texto, observa – se um homem falando com uma mulher sobre os desejos, o orgulho, o poder e a soberania a partir da necessidade de ser e poder ser.

Até na escolha do tipo de discurso, se é direto, indireto, ou direto e indireto, aparece esse querer ser e querer poder do homem, pois como bem se sabe, ao assumir um discurso, o autor quer deixar claro que se responsabiliza pelo que disse. E mais, acredita no que disse, logo assume o dito, o não dito, enfim, apresenta a todos o seu modo de ver a vida, os seus ideais. Dá sua mão à palmatória.

O trecho “... Quando que na casa da sua mãe ocê uso argola nas orêia, feito deusa?”, remete-nos ao pensamento de Foucault (1998), onde o teórico postula que a análise discursiva não se exercerá na forma de uma interpretação, de uma análise do sentido. Ela visa descrever aquilo que é efetivamente dito, mas do ponto de vista da sua existência. Diante de qualquer discurso proferido, de qualquer coisa escrita, procura-se de imediato localizá-la, amarrá-la, e isto por intermédio de mecanismos que ligam aquilo que é dito a um sentido daquilo que não é dito. Assim, o fragmento acima mostra exatamente o poder da análise discursiva em relação do que é dito e o que está implícito, pois o marido de Frorinda, através do discurso implícito, quer convencê – la a voltar para casa e a esquecer o que aconteceu, quer mostrar – lhe a “vantagem” que ela adquiriu casando-se com ele. E isso é uma marca ideológica.

Mainqueneau (2005, p. 142), mostra que “a escolha do discurso direto como modo de discurso relatado geralmente está ligada ao gênero do discurso em questão ou às estratégias de cada texto”. Essa escolha é uma opção discursiva do autor.

Neste texto, o autor utiliza o discurso direto porque quer que a argumentação seja assumida pelo homem, que é a personagem principal. Foram veiculadas em Foi Sonho informações sócio-culturais imanentes à sociedade daquela época, por isso a personagem assume esse discurso machista com tanta arrogância. Afinal, tudo estava a seu favor, a época lhe pertencia, era o século dos chefes da casa: os homens.

O texto é construído sob a ótica masculina, o que submete a mulher a um nível nada digno, haja vista o direito de igualdade, dentre outros que não é respeitado, conforme se observa no fragmento: “Bamo fingi que tudo que sucedeu,

num sucedeu, foi sonho, e hei-de te prová que foi sonho memo, num dexo siná. Bamo cumigo, Frorinda”. Como pôde-se perceber neste trecho do texto, o homem, apesar de ter cometido adultério, acha – se no direito de sugerir que não houve nada, foi somente um sonho, uma fantasia da cabeça da mulher, como bem se mostra no trecho:

Também quantas veiz lá no trabaio, passa o bananero, me dá ua vontade, ‘Oia aqui, me dá duzentão de bana’, você zanga? Diga!... Home quano vê muié jeitosa, mermo que num seja sua mulé, vontade ele tem memo... Me deu vontade cumo das banana. (ANDRADE, 1988)

Percebe-se aí a posição social da mulher no Brasil, pois enquanto na Europa já se vivia plenamente a primeira Revolução Industrial e o feminismo, onde as mulheres lançaram-se com enorme entusiasmo ao mercado de trabalho modificando as relações econômicas em seu proveito, as relações de forças no seio da maioria das famílias brasileiras ainda era patriarcal.

Assim, no texto percebe-se a existência de duas pessoas no discurso – a segunda, aparece como uma voz calada, passiva e obediente.

Há uma voz do discurso que tece a história, no caso a voz masculina. “Antão, Frorinda, que é isso! Você ta loca...”.

A partir dessa construção, então, são produzidos e reproduzidos discursos que são representantes do pensamento e da cultura instaurados no contexto em questão, que no caso é o universo do texto Foi Sonho de Mário de Andrade e sobressaem, daí, os diferentes modos de representar essa realidade, estabelecendo relações sociais entre esses dois mundos, que são o masculino e o feminino.

Logo, a imagem da mulher é narrada segundo a visão masculina – é assim que o homem vê e quer a mulher, calada e servil - lembrando-a que o seu lugar é na subjugação e no silêncio, “... Eu quis mulé foi pá ta im casa me sirvindo cum duçura...”. Reportando – se a Orlandi (2001, p. 46) observa – se que a ideologia é a condição para a construção dos sujeitos e dos sentidos, assim como o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Essa ideologia é perpassada pelo trecho em questão.

No texto de Mário de Andrade Foi Sonho, o autor carrega nas tintas demonstrando a soberania masculina, massacrando, deste modo, a mulher, que sempre foi subjugada.

Essa imagem que se tinha da mulher na década de 60 do século XX, era a de um sujeito submisso, que sempre deveria aceitar as imposições masculinas. Essa identidade foi duradoura e ficou impregnada na cultura, não apenas daquela época, como na contemporaneidade.

Neste texto, tem-se um estereótipo masculino muito comum. Um homem que usa o fato de ser homem para justificar os seus erros, fazendo, desta forma, uma pressão psicológica para atingir a mulher e fazê-la aceitar as razões que o levaram a traí-la, como se observa no excerto abaixo:

Será que você qué abandona seu negro prucauso de outra muié?...Inda que eu fosse um desses miserave que dêxum farta inté pão em casa, mais eu, Frorinda! Que nunca te deixei sem surtimento! E inté trago tudo de sobra pá gente pude sê filiz...(ANDRADE, 1988)

Há que se ressaltar que, além de toda demonstração de superioridade masculina nota-se, no trecho acima, uma maneira arrogante camuflada por um pseudocarinho ao tratar a esposa. Esse “carinho” se dá porque, na verdade, esse homem subestima a inteligência da mulher e não a respeita.

A separação entre os deveres dos homens e das mulheres está tão evidente no texto que está implícito (não dito) que a obrigação pela subsistência da família era totalmente do homem. Isso lhe dava o direito de manifestar esse tipo de comportamento, sendo injusto e machista.

O homem é o narrador e as ações narradas por ele repassam toda a ideologia da sociedade da época. Através da atitude do narrador, tem-se a percepção de diferentes concepções a respeito da vida social, dos valores e das ações humanas.

Como já foi dito, a relação discursiva se mostra através do poder que o homem exerce sobre a mulher. Ele se mostra autoritário pelo simples fato de ser homem e marido, como se vê neste trecho: “Isso de ‘nossa cama’, ‘nossa cama’, bamo dexá de bobage, Frorinda!”. Neste fragmento também, tem - se a marca da materialidade em que o autor utiliza – se da formação discursiva do machismo, para impor seu pensamento autoritário, a sua verdade.

No cotidiano estão os homens, portadores da soberania social, construtores e transmissores de um conceito ratificado na época, bem como de um pensar – quase sempre autoritário que subjuga, menospreza e humilha a mulher, como se pode ver abaixo:

Im veiz de saí de casa toda chorano, me chamando de “sem-vergonha”, sem-vergonha não! Que eu sempe tive vergonha na vida, num robo, num bebo, nunca fiz má pra ninguém! Vô faze má é pra mim, praque se ocê me dexá sinto que vô sofre demais de te vê desgraçada. (ANDRADE, 1988)

Foucault (1987) postula os mecanismos utilizados pela sociedade para a sujeição. Para o teórico há um controle sobre o indivíduo e suas forças, que não são mais do que mecanismos de vigilância da sociedade e imposição diante dos quais o indivíduo não esboça qualquer reação. Este é o caso da personagem Frorinda. A forma de controle é tão natural que é quase imperceptível ao indivíduo. Esses mecanismos de controle repassam a ideologia presente na sociedade, controlando e docilizando o sujeito.

Quando Mário de Andrade utiliza o discurso direto, enfatizando a voz masculina, passa a idéia do poder soberano do homem e dá idéia de aceitação e subjugação por parte da “Frorinda”, haja vista que esta ouve tudo calada e esboça uma débil reação. Fica impressa aí a presença da formação ideológica imposta pela sociedade, que determina o poder do homem sobre a mulher, como no trecho “Mais porém quano ocê me chamo de sem – vergonha na frente dela, me bateu um ódio de ta manera, eu disse: Há de sê na tua cama, quente do teu corpo, sua!...E fiz. Você divia riagi!

A relação social neste discurso se apresenta através do machismo presente na fala do homem e da submissão da “Frorinda”, que questiona fragilmente o comportamento abusivo de seu esposo que, neste texto de Mário de Andrade, não perde tempo em demonstrar o poder, numa clara relação de força (PECHÊUX apud ORLANDI, 2001).

Esta análise discursiva permite observar a variedade de interpretações que só é possível fazer, graças aos recursos da linguagem.

Através da dinamicidade do discurso e da sua relação intertextual com outros dizeres é possível reformular, produzir ou formular idéias relacionadas com pensamentos sociais, históricos e políticos.

Todo e qualquer discurso se relaciona com os demais discursos, de acordo com a posição que eles assumem no campo das lutas sociais e ideológicas. Isso significa que por meio do diálogo, o indivíduo manterá ou não a sua posição a respeito dos assuntos que o cercam.

O diálogo não significa apenas a comunicação entre duas pessoas, refere-se ao amplo intercâmbio de discursos, tanto na dimensão sincrônica, como na diacrônica manifestados pela sociedade.

Esses discursos são como momentos, em que se percebe a manifestação de conhecimentos e um grande processo de transformação de uma sociedade. Não é possível, então, isolar os atos de comunicação, a linguagem, os discursos.

Ambos estão interligados a uma cadeia que tem significado efêmero, que dependendo de um dado histórico, político, econômico ou cultural, pode tomar outras significações. Só se produzirão sentidos se se levar em conta o contexto, na qual o discurso esteja inserido.

E o homem é o personagem principal, porque é ele que produz o sentido sobre algo e com isso, vem a reflexão, que impulsiona as possíveis transformações, podendo reescrever todo e qualquer discurso que venha surgir dentro do mundo real ou irreal.

E essa transformação é, absolutamente, a grande questão, porque ao analisar um texto, enfim, uma obra para descobrir a visão que se tinha da mulher no século XX, está se fomentando grandes questionamentos em relação a posição da mulher na sociedade, daquela época. Conhecer para transformar a realidade, conhecer pela ficção o que foi real um dia.

O homem não é só o opressor que se desumaniza; também no oprimido a desumanização não é menos fatal e a mulher é sempre incapaz de contestar a autoridade arbitrária do marido.

Tem-se, no texto, um verdadeiro recorte da sociedade do século XX, da década de 60. O "marido" é representante do pensamento conservador que continua, em parte, preso a velhos preceitos autoritários, típicos da sociedade patriarcal. A "Frorinda" é um pequeno retrato da exploração e da submissão.

A linguagem é o ponto alto do texto, no que se refere à sua proposta experimental e estética, uma vez que o narrador se expressa através de um português popular, coloquial, cheio de "brasileirismos". Por exemplo: "Dexa disso Frorinda!", aqui, percebe – se a classe social da personagem, que é trabalhador, um operário de classe baixa, e inculto. E o autor utiliza esta linguagem do caipira como uma estratégia para traçar a identidade dessa classe.

Desse modo, o tema a partir do qual se estrutura a narrativa em "Foi Sonho" retrata a ideologia da sociedade da década de 60 no que diz respeito à

subjugação da mulher pelo homem. Esta sociedade patriarcal aplaudia e estimulava o comportamento machista, relegando à mulher uma posição nada digna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, que tratou da imagem feminina no Brasil da década de 60 a partir do texto *Foi Sonho*, procurou mostrar ao interlocutor, a partir de uma contextualização histórica, as lutas empreendidas pelo sujeito-feminino em busca de reconhecimento social.

Tomando como base os métodos adotados pela escola francesa da Análise do Discurso, a partir do texto de Mário de Andrade, buscou-se identificar a posição do sujeito-feminino no Brasil, na década citada, assim como a identidade assumida por esse sujeito na sociedade da época.

Verificou-se que a imagem feminina expressa a partir do texto, era de submissão, opressão e desvalorização, apesar de todas as lutas sociais das quais participou. Visualizou-se um sujeito-feminino inquestionavelmente dependente do homem e, por isso, subjugada, posição esta reforçada ideologicamente pela sociedade da época.

Foi Sonho exalta os ideais dos homens do século XX e a ideologia da sociedade na qual se respalda, por meio da continuidade e da força de um discurso expresso nos mecanismos de poder e controle social.

A representação da cultura masculina, apreendida a partir do texto, nos dá conta de uma sociedade que apresenta a mulher não como protagonista, mas como uma figura pálida, tratada como um ser inferior, que deve obedecer ao poder e a soberania do homem.

Por meio da análise do discurso social, das formações discursivas e ideológicas presentes no texto, buscou-se mostrar os mecanismos de controle de uma sociedade patriarcal, construídos a partir do discurso masculino.

Desta forma, este estudo serviu para demonstrar o árduo caminho que a mulher tem percorrido a fim de conquistar o seu espaço na sociedade, assim como os mecanismos de repressão social e controle, aparentemente imperceptíveis, mas que subjugam o sujeito da mesma forma. Serve também como estímulo aos leitores à continuidade, uma vez que um trabalho não se esgota em apenas uma análise, mas dá abertura para novas possibilidades de pesquisa com relação ao tema. Esse é o desafio.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario de. **Os melhores contos de Mario de Andrade**. Sao Paulo: Global, 1988.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: literatura e história**. Série Princípios; São Paulo: Ática, 1995.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987.
- ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: **Domínios da história: ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Glossário de termos do discurso**. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>>. Acesso em: 04/10/2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Criar edições, 2005-a.
- _____. **Análise de Textos de Comunicação**. – 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2005-b.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. **Discurso e leitura**. 2. ed. Campinas: Cortez/Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas, UNICAMP Editora, 1988.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: **Domínios da história: ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SGARBIERI, Astrid Nilsson. A mulher profissional brasileira: preconceitos. in: **Sobre gênero e preconceitos: estudos em análise crítica do discurso**. PUC – Campinas. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Astrid_Nilsson_Sgarbieri_02.pdf> Acesso em 10/10/2006.
- PASTORE, José. **O sexo das profissões**. Disponível em: <<http://www.josepastore.com.br/artigos/cotidiano/061.htm>> Acesso em: 11/10/2006.
- VIEIRA, Claudia Andrade. Feminismo e seus múltiplos significados: entre discursos e práticas de mulheres em Salvador. In: **Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX** ST. 40 - UNEB/UFBA. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Claudia_Vieira_40.pdf> Acesso em: 08/10/2006.

ANEXO

FOI SONHO

(Mário de Andrade – Melhores contos)

_Antão, Frorinda, que é isso! Você ta loca...

Será que você qué abandoná seu negro prucauso de outra muié? ... Inda que eu fosse um desses miserave que dêxum fartá inté pão em casa, mais eu, Frorinda! Que nunca te deixei sem surtimento! E inté trago tudo de sobra pá gente pudê sê filiz... Quando que na casa de sua mãe ocê uso argola nas orêia, feito deusa? Sô eu, que quero ocê bunita sempe, bunita pr' eu querê bem, e não bunita pá gozá... Quando o Romero compro aquela brusa de seda pra muié dele, num comprei logo um vistido intero p'ocê? Dêxa disso Frorinda, eu exprico tudo! Num bamo agora se desgraçá pr'uma coisinha de nada!

... Eu onte caí na farra, tanta gente mascarado divirtino, você tava tão longe pr'eu í buscá... Depois minha mulé num é prá farra não! Eu quis mulé foi pá ta im casa me sirvindo cum duçura, intrei na premera venda e bibi. Antão me deu uma corage de sê o que num tenho sido, você be sabe que não tenho sido, mais caí na farra uma veiz. Inté tava bem triste praque de repente me alembrei que dê – certo o Romero tava im casa cum a família, im veiz de andá sozinho cumo eu tava, feito sordado na vida... Porém já tinha bibido outra veiz, fiquei contente, pois num tenho que dá sastifação nenhuma p'u Romero, eu sô eu! Fui dexá as ferramenta na premera venda que eu sô cunhido lá, tava todo sujo do trabaio, mais justifiquei que pra caí na farra num caricia de me trocá. Farra é vergonha, pá sujo de pensamento, sujo de corpo num faiz má.

Agora nem num sei si devo contá o resto, Frorinda, praque eu quero é num te matratá. Já tava bem tanto quano incontrei ela. Nunca tinha visto simiante criatura mais ela vinha vistida de apache, que agora as muié deu para visti carça no carnavá... Dai, ela oiô pra mim e falo ansim: “Ôta mulato proletaro, bam fazê comunismo pa i no baile do Colombo junto?” Eu inté num achei graça, mais porém todos tavum rindo do meu jeito, num quis ficá purtrais, me ri tamém. Intão ela

s'incostô todinha e suspiro fingido. Todos caíram numa gargaiada que nem num sei o que me deu: pensei logo cumigo que seu negro, Frorinda, é hôme pra uma, duas, déiz muié, eu tava mêrmo tonto, inté jurguei que ocê havia de ficá sintida de seu hôme num desmonstrá que era capais de tudo, dei um tapa na padaria dela que ela vuô longe. Antão ela chego outra vêiz, sem brincadêra, e segredo baixinho: “Bamo”? Praque que hei – de falá... mais me deu ua vontade de i cu'ela. Todos tavum reparando e senti sastifação. Garrei na cintura dela e fui andano. Minha tenção. Chegemo no Colombo.

Foi a conta! Ansim qu'inxerguei aquela gentarada ma maió imoralidade, me cunvinci difinitivo que tinha caído na farra, era tudo um sonho, nada num fazia má, bibi, dancei, caçuei c'os outro, ela só se ajeitando pa meu lado. Depois, quano me convido pa e cu'ela, eu disse: “eu vô”.

E agora você num qué mais eu pur causo dessa mulé!... Ocê ta imaginando que tenho algum amo pur aquela pirdida! ... Eu inté paguei ela! ... Foi que ela me falo que o pai apareceu lá im casa da patroa e pidiu cinco mirreis, dizendo que batia nela, eu tive dó, arrispundi: “pur isso não, você ta quereno i cumigo, intão bamo que despois de eu fazê o sirviço, te dô os cinco mirreis”. Também quantas veiz lá no trabaio, passa o bananero, me dá ua vontade, “Oia aqui, me dá duzentão de bana”, você zanga? Diga! ...Home quano vê muié jeitosa, mermo que num seja sua mulé, vontade ele tem memo... Me deu vontade cumo das banana. Também cumi, paguei, num trouxe nada pr'ocê. E ocê zango!...

Isso de “nossa cama, nossa cama”, bamo dexá de bobage, Frorinda! Eu tava bebo, bebo não! Tava só tonto, num sei que tontice me deu, num tinha lugá, mato eu num gosto, evei ela para nossa casa. Eu tava bebo memo, puis você divia riagi... Im veiz de saí de casa toda chorano, me chamando de “sem – vergonha”, sem – vergonha não! Que eu sempe tive vergonha na vida, num robô, num bebo, nunca fiz má pra ninguém! Vô fazê má é pra mim, praque se ocê me dexá sinto que vô sofre demais de te vê disgraçada.

Nem se levei ela im casa na tenção de se na nossa cama, eu quiria é lugá siguro... você acordo c'u riso dela. Mais porém quano ocê me chamo de sem – vergonha na frente dela, me bateu um ódio de ta manera, eu disse: Há de sê na tua cama, quente do teu corpo, sua!... E fiz. Você divia riagi! Puis é... Hoje de manhãzinha ela me apareceu lê im casa, fazendo um bué danado. Fui me acordano e picurei logo ocê, era o costume. Ocê num tava... Antão veio tudo num crarão e logo pircibi que tinha

feito ua bestera. “Oi, que eu falei pr’ela, é mio você num metê cumigo não, qu’eu já sô de outra”. Ela garro chorano arto pr’us vizinho, diz – que eu tinha tirado a honra dela... Fiquei suprintido, mais depois sortei uma gargaiada, “Oh negrinha, ocê num vem cum parte não! Que quantos num te conheceu, hei nega”. ... Mais ela num vê de para, tava juntano gente, ela gritava que era virge, que inté o Sandrinho e o Romero vinherum pa meu lado, falando que si caricia de tistimunha, eles tavam pa me ajuda. Eu antão fiquei tão cego que crisci pra cima dela, mia vontade era matá, me sigurarum. Daí ela saiu correno, gritano que ia na puliça. Foi quano o Romero priguntô de ocê, eu fui, fiquei bem Carmo, arrispundi que ocê tinha ido na casa de sua mãe. Filizmente que ninguém num tinha iscuitado a increnca da noite...

Antão arresorvi vim buscá ocê. Oi Frorinda, ocê bem sabe que num sô home pra ta tiranum a honra de mulé... Só tirei a honra de uma , foi você porque nós dois se pirtincia. Mais porém te dei a minha, que ocê é que guarda a honra de seu negro, num é mermo? ... diga! E agora, será que ocê ta quereno me dishonrá... Antão você vai dá de mostra pr’us outro que tu é uma disgraçada, quano num é!...

Eu inté num gosto de jurá pruque sô home cumprido de sua palavra, mais... Oi! Te juro que nunca mais hei – de oiá pra outra mulé, é ocê que eu quero bem, te juro! Bamo fingi que tudo o que sucedeu, num sucedeu, foi sonho, e hei – de te prová que foi sonho memo, num dexô sina. Bam cumigo, Frorinda.